



A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Vanessa Frizon¹ - SEMED
Marcia De Bona Lazzari² - SEMED
Flavia Peruzzo Schwabenland³ - SEMED
Flavia Rosane Camillo Tibolla⁴ - SEMED

Grupo de trabalho - Comunicação e Tecnologia
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

A sociedade contemporânea tem passado por processos de mudanças constantes, sendo que uma das marcas mais notáveis dessas mudanças tem sido a utilização das tecnologias digitais nas mais diversas áreas da sociedade e da atividade humana, incidindo inclusive na área educacional. Nesse processo a educação passa a ser um instrumento de transformação para acompanhar essas mudanças, estas implicam numa nova concepção da ação e da estrutura da instituição educacional e dos programas que promovem a formação inicial e continuada dos professores. Considerando a importância desse campo de pesquisa, o presente artigo trata de uma pesquisa bibliográfica sobre a problemática que envolve a formação inicial e continuada do professor, para o uso das tecnologias digitais. As transformações que vêm ocorrendo nos diversos campos da sociedade contemporânea promovidos pelas tecnologias digitais têm exigido novas posturas, tanto da escola quanto do professor no que diz respeito à incorporação dos recursos tecnológicos à prática educativa. Deste modo, neste artigo temos como objetivo discutir os desafios e as perspectivas da formação inicial e continuada de professores para o uso das tecnologias digitais, por meio da análise e reflexão das produções bibliográficas que tratam do assunto. Diante disso, sinalizamos que é notável que as tecnologias digitais nos fornecem diversos subsídios tanto na vida cotidiana quanto no ambiente escolar e social. As tecnologias digitais aprimoram os nossos sentidos, criam

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS Chapecó – SC. Professora efetiva na Rede Municipal de Ensino de Concórdia, SC - SEMED. Atualmente é integrante do grupo de Formação Continuada de Professores da Educação Básica da Secretaria Municipal de Educação e Orientadora de Estudos do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC. (vane.frizon@hotmail.com)

² Mestre em Ciências da Saúde Humana – UnC - Concórdia – SC. Professora de Biologia na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. Membro da equipe de formação continuada para professores da Secretaria Municipal de Educação de Concórdia – SC- SEMED. (marcia.lazzari@concordia.sc.gov.br)

³ Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Especialista Efetiva da Rede Pública Municipal de Ensino de Concórdia, SC. Atuação prioritária na Secretaria Municipal de Educação com Formação Continuada de Professores da Educação Básica - SEMED. Professora convidada do Instituto Federal Catarinense na Pós Graduação – PROEJA. E-mail: (flavia.peruzzo@concordia.sc.gov.br)

⁴ Flávia Rosane Camillo Tibolla graduou-se Letras Português- Italiano pela Universidade do Contestado e em 2014 concluiu a Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Profissionalmente atuou como professora nos diferentes níveis da Educação e atualmente exerce a função de Diretora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Concórdia - SEMED. (flarosane@yahoo.com.br)

possibilidades de interação com maior facilidade, estreitam relações, ou seja, permite-nos desenvolver uma infinidade de atividades que nossos antepassados nem ousaram em sonhar. Ressaltamos que o essencial não é a tecnologia em si, mas sim a necessidade de reconfigurar, de ampliar e criar novas práticas pedagógicas que potencializem a interação entre os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem, essas questões perpassam pela formação inicial e continuada do professor.

Palavras-chave: Formação de professores. Tecnologias digitais. Avanços tecnológicos.

Introdução

O século XXI trouxe mudanças significativas para a sociedade, com inúmeras transformações em todas as dimensões da vida humana. O progresso tecnológico é notável, reconfigurando a forma de organização social e profissional, a forma de comunicação e a relação entre os indivíduos. Grande parte dessas mudanças é deflagrada pelo advento das tecnologias digitais (TD)⁵.

As tecnologias digitais reduziram a importância da proximidade física e geográfica nas interlocuções entre os indivíduos. As fronteiras e os limites para a produção do conhecimento estão cada vez menores em decorrência das sofisticadas formas de comunicação, as quais são determinadas pelas tecnologias digitais (LÉVY, 1993). A disponibilidade de novos recursos tecnológicos sugere transformações nas atividades dos indivíduos e conseqüentemente na sociedade contemporânea.

Dentre as instituições sociais que têm sentido as transformações decorrentes do advento das tecnologias digitais, conforme assinala Gadotti (2000), destaca-se uma em especial, por ser responsável pela formação dos indivíduos em sua plenitude, a escola. Diante disso, podemos dizer que o uso das tecnologias digitais, no contexto escolar, passa a ser uma possibilidade de integrar, de contextualizar os conteúdos escolares, de modo que o aluno perceba as ligações, as relações, as conexões existentes entre um conteúdo e outro, incidindo na produção do conhecimento.

⁵ Optamos pela utilização de Tecnologias Digitais, por dar a característica de maior abrangência, no entanto, não desconsideramos os autores que usam Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), Tecnologias Educativas, ou Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) deste modo, nesta dissertação utilizaremos a terminologia Tecnologias Digitais, apesar de apresentar diversas citações utilizando TIC e/ou TDCI, uma vez que ambas se complementam. Quando falamos em tecnologias digitais nos referimos ao conjunto de tecnologias que permitem a aquisição, produção e transmissão de informações que podem ser dinamizadas por meio de imagens, vídeos, áudio, textos, jogos eletrônicos...

Essas possibilidades nos remetem a questões relacionadas à formação de professores para o uso das tecnologias digitais, de modo a contribuir nos processos de produção do conhecimento e no desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos. Entendemos que o movimento da formação inicial voltado para o uso das tecnologias digitais deve ter prosseguimento com a formação continuada, uma vez que as tecnologias estão em constante avanço. Deste modo, investir na formação inicial e continuada do professor, representa o fortalecimento para a educação, permitindo ao professor maior autonomia no uso das tecnologias digitais, implementado, dessa forma, suas práticas pedagógicas.

A formação inicial do professor para o uso das tecnologias digitais

As tecnologias digitais estão em constantes transformações, apresentando-se como uma gama de possibilidades para a interação, para comunicação, para a busca de informações, para o entretenimento e para a produção do conhecimento. Desse modo, é preciso repensar as formas de ensino para que se assegure, realmente, a aprendizagem dos alunos, repensar isso perpassa pela formação inicial e continuada do professor.

Considerando que as tecnologias digitais têm provocado mudanças na sociedade de modo geral, há que se considerar que a escola precisa ser redimensionada para atender as demandas atuais. Esse redimensionamento passa pela reavaliação do papel do professor, e conseqüentemente pela formação inicial dos futuros professores. Os cursos superiores de licenciaturas precisam preparar os futuros docentes para o uso eficaz das tecnologias digitais, contribuindo com o aluno no desenvolvimento das capacidades cognitivas que são requeridas para que se concretize os processos de ensino e de aprendizagem.

A Lei nº 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN (BRASIL, 1996) no artigo 62 trata dos tipos e modalidades dos cursos de formação inicial de professores, desse modo expresso:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

[...]

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009).

§ 4º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

Analisando o artigo, observa-se que a LDBEN 9394/96 busca a melhoria na preparação da formação superior dos professores, apontando para isso alguns caminhos que vai desde a formação inicial à continuada que, preferencialmente, deve ser presencial, em não tendo essa possibilidade se dará através da educação a distância por meio de recursos tecnológicos que facilitam a interação do professor com o acadêmico.

A RESOLUÇÃO CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002, institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, em suas orientações preconizam no Art. 2º, inciso VI “o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores” (BRASIL, 2002). Temos nas Diretrizes Curriculares Nacionais o anúncio da importância da utilização das tecnologias digitais nos processos de ensino e de aprendizagem. Para tanto, há que se investir na formação do professor para que este mobilize seus conhecimentos e utilize as tecnologias digitais num processo dialógico, que propicie o fomento da interação, da colaboração, da exploração, da simulação, da experiência, da investigação e do conhecimento.

Assim, as questões relacionadas ao uso das tecnologias digitais, no contexto escolar, que contribuam nos processos de ensino e de aprendizagem, apontam para a incorporação de um ideário que possa recriar o cenário escolar. Neste contexto, a formação inicial de professores que referencie o uso das tecnologias digitais, torna-se um elemento fundamental.

Diante das exigências decorrentes da presença das tecnologias digitais no contexto educacional faz-se necessário repensar o fazer pedagógico, de modo que atendam as necessidades educacionais e as demandas trazidas pelos alunos para o contexto escolar. Essa é uma tarefa que requer uma ação política de formação inicial e continuada consistente, emergindo em mudanças no cenário educacional e em discussões teóricas e práticas que propiciem o avanço no conhecimento tanto do professor quanto do aluno.

Deste modo, os cursos de licenciatura ao atenderem a prerrogativa da utilização das tecnologias digitais com ênfase na aprendizagem, certamente influenciarão na forma como o professor vai conceber os processos de ensino e de aprendizagem. Para tanto, o professor deverá levar em consideração as potencialidades, as individualidades de cada aluno, estimulando processos educativos em que o aluno possa desenvolver-se autonomamente, numa perspectiva de apropriação e produção do conhecimento. Esse comportamento somente será possível se o professor experienciar na sua formação novas formas de conduzir os processos educativos, que considere o estado da arte de sua disciplina, o uso ativo e crítico das tecnologias digitais, além de compreender como se processa a mediação entre professor e aluno, professor e tecnologia, aluno e tecnologia.

No entanto, para que essas premissas realmente incidam na efetividade do ensino e da aprendizagem, a formação inicial necessita de uma revisão curricular que apresente disciplinas voltadas para o uso das tecnologias digitais; um projeto político de curso que contemple o uso das tecnologias, ultrapassando questões operacionais e instrucionais, que visam apenas a aquisição de competências e habilidades para questões que visem a produção de situações pedagógicas que contribuam para melhorar intelectual e culturalmente a formação dos indivíduos.

Desta forma, os futuros professores precisam aprender a refletir acerca do uso das tecnologias digitais para que possam orientar seus alunos de forma crítica, de modo que não sejam manipulados por elas. Ao contrário, os alunos precisam manipular as tecnologias digitais no sentido de assegurar a apropriação e a produção do conhecimento. Corroborando com essa questão Gadotti (2002), afirma que o professor “deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento, um mediador do conhecimento, um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador e, sobretudo, um organizador de aprendizagem”.

Mesmo considerando que a formação inicial é muito importante, ela por si só não dá conta de atender a atual demanda educacional que se apresenta em constante mudança. Nesta perspectiva, a formação inicial se caracteriza como a obtenção de determinados princípios indispensáveis para a função e a atuação que o futuro professor terá que desempenhar. Nesse contexto, a formação continuada de professores permitirá ao professor dar continuidade a aquisição de conhecimentos específicos de sua profissão. Discutiremos essa questão na próxima seção.

A formação continuada do professor para o uso das tecnologias digitais

Para Nóvoa (2002) a formação continuada alicerça-se na dinamização de projetos de investigação nas escolas, passa pela consolidação de redes de trabalho coletivo e de partilha entre os diversos atores educativos, investindo nas escolas como lugares de formação. Para o autor, a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas de um trabalho reflexivo e crítico sobre as práticas e de (re)construção permanente da identidade pessoal.

A capacidade para utilizar pedagogicamente as tecnologias digitais pressupõe que a formação de professores sinalize perspectivas para as novas formas de se relacionar com o conhecimento, com os outros indivíduos e com o mundo. A formação continuada de professores, deste modo, deve ser vista como a possibilidade de ir além dos cursos de cunho técnico e operacional, mas que assegure que o professor reflita acerca do uso das tecnologias digitais na e para a democratização da educação.

A formação de professores nessa perspectiva se torna muito mais abrangente e tende a romper com o modelo instrumentalista muito difundido pelas políticas públicas de formação de professores.

Formar professores para a utilização da tecnologia educacional segundo Valente e Almeida (1997, p. 08) requer:

[...] condições para que ele construa conhecimento sobre as técnicas computacionais, entenda por que e como integrar o computador na sua prática pedagógica e seja capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica.

O profissional da educação a partir dessas concepções, comprometido com os processos educativos, por meio de atualizações constantes, se constitui, a partir do movimento requisitado pelo trabalho educacional, num protagonista consciente do fazer pedagógico, que faz uso de diferentes recursos e metodologias no fortalecimento dos processos de ensino e aprendizagem.

Para tanto, a necessidade de uma reflexão sobre a formação continuada de professores está centrada em quem é esse profissional, qual a base teórica metodológica norteia sua ação pedagógica, que objetivos deseja alcançar, como planeja, como utiliza os recursos tecnológicos que tem à disposição com vistas a melhorar os processos de ensino e de aprendizagem dos alunos.

Considerando essas questões, a formação continuada do professor deve ter como perspectiva alcançar um ambiente inovador e de qualidade, com a inserção das tecnologias digitais nos processos educativos. Segundo Libâneo (2001, p.10) é preciso uma formação “que o auxilie a ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais”.

É importante enunciar que a formação continuada e/ou capacitação em serviço está prevista como um dos fundamentos na formação de professores na Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL/MEC/LDB, 1996):

Art. 61. Parágrafo único. A formação dos profissionais de educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009)

Para isso, faz-se necessário que a formação do professor para o uso pedagógico das tecnologias digitais ocorra na ação docente, de forma reflexiva, crítica sobre esta ação. Logo, o professor ao se apropriar didática e conscientemente acerca do uso das tecnologias digitais na educação, estará em condições de propor mudanças nos processos de ensino e de aprendizagem. Nessa direção, a relação formação de professores, educação e tecnologias digitais implica em desafios e perspectivas para a atualidade, temática que será abordada na seção seguinte.

Educação e tecnologias digitais: desafios e perspectivas

A partir das novas exigências educacionais surgidas com o desenvolvimento das tecnologias digitais, a relação com o conhecimento tem se modificado. Isso, tem se configurado num dos desafios da escola.

Nesse contexto cabe o questionamento, como usar as tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem? Não temos respostas imediatas para esse questionamento, mas, apontamos que na perspectiva da articulação entre educação e

tecnologias digitais aposta-se na formação continuada dos professores, uma vez que os professores são os interlocutores que promovem possibilidades para a apropriação e a produção do conhecimento. Neste sentido, o professor será o parceiro na formação do aluno. Para tanto, o seu projeto pedagógico precisa estar centrado no desenvolvimento da criticidade, do diálogo e da reflexão, para atender os novos paradigmas educacionais. Por certo, são paradigmas que devem superar a fragmentação e o reducionismo, com vistas a uma formação ampla, contextualizada⁶ e consciente dos alunos.

Destacamos, neste âmbito, o que foi postulado por Mercado (1999, p. 20):

Na formação de professores, é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas nas quais a função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores.

De fato, estamos diante da produção de novos conceitos educacionais, exigindo que deixemos de lado alguns dos velhos paradigmas, como o velho paradigma de educação pautada apenas na transmissão do conhecimento, que tem o conhecimento concebido como algo acabado, centrado apenas no professor, no ensino, em que o aluno simplesmente recebe informações passivamente. A postura do professor como o único detentor do saber já não tem mais espaço na sociedade contemporânea, faz-se necessário mudança de atitude, frente às exigências da sociedade atual, faz-se necessário uma nova forma de conceber o sistema educacional, de conceber os processos de ensino e de aprendizagem.

No entanto, essa necessidade não pode significar o abandono de antigas concepções, de antigos paradigmas, mas sim, a incorporação de novos conceitos a fim de que se assegure que o processo de formação continuada de professores para o uso das tecnologias digitais se revele em sua prática pedagógica.

Oliveira Netto (2005, p.125) assim se manifesta:

⁶ Segundo Alice Casimiro Lopes, o conceito de contextualização foi desenvolvido pelo Ministério de Educação-MEC. No entanto, a ideia de contextualização já fora proposta por John Dewey (Lopes, 2002). A aprendizagem situada (contextualizada) é associada, nos PCNEM, à preocupação em retirar o aluno da condição de espectador passivo, em produzir uma aprendizagem significativa e em desenvolver o conhecimento espontâneo em direção ao conhecimento abstrato. Com constantes referências a Vygotsky e a Piaget, a contextualização nesses momentos aproxima-se mais da valorização dos saberes prévios dos alunos. Nesse caso, contextualizar é, sobretudo, não entender o aluno como tábula rasa (Brasil, 1999, v.1-4. In: Lopes, 2002, p.391). A ideia de contextualização entrou em pauta com a reforma do ensino médio, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96). A concepção de contextualização está centrada nas conexões entre os conhecimentos que os alunos realizam durante todo o processo de ensino e de aprendizagem.

Dentro desta perspectiva, a formação dos educadores deve favorecer uma reflexão sobre a relação entre teoria e prática e propiciar a experimentação de novas técnicas pedagógicas. Isso não significa jogar fora as velhas práticas, mas, sim apropriar-se das novas para promover a transformação necessária.

Neste sentido, Giroux (1997) propõe que os professores deveriam estar ativamente envolvidos na produção de materiais curriculares adequados aos contextos culturais e sociais em que ensinam. Segundo o autor, é preciso repensar e reestruturar a natureza da atividade docente e encarar os professores como intelectuais transformadores. O professor que possui essa concepção terá melhores condições de utilizar as tecnologias na criação de um ambiente propício para que o ensino e a aprendizagem se constituam, construindo uma nova articulação entre a tecnologia e a educação.

Desta forma, é necessário salientar que os recursos para a apropriação e produção do conhecimento estão em constante transformação e movimento. As teorias educacionais que se comprometem com o desenvolvimento da criticidade, da autonomia, da cidadania, têm considerado que o conhecimento é um processo em permanente produção, historicamente situado, e articulado nas relações entre os indivíduos, que se envolvem culturalmente, política, social e economicamente.

Essa articulação entre tecnologia e educação requer a clareza para compreender que os meios tecnológicos não se restringem simplesmente a sua utilização como inovações didáticas, mas sim como meio para se alcançar o conhecimento por meio da utilização pedagógica desses recursos.

Muitas vezes, o que encontramos nas escolas, é um computador sendo apenas o substituto de um livro didático, ou seja, a escola apenas mudou a ferramenta, mas os processos de ensino e de aprendizagem continuam os mesmos, pautados na repetição, no exercício de memorização, o que impede que o aluno reflita e faça intervenções. Neste contexto, é possível afirmar que modernizamos o recurso, mas não nos desprendemos de velhas práticas pedagógicas.

Kenski (1998, p. 60) argumenta que:

As velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso que se esteja em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo. Não existe mais a possibilidade de considerar-se alguém totalmente formado, independentemente do grau de escolarização alcançado.

A realidade educacional, encontrada em nosso sistema de ensino, muitas vezes, é contraditória, pois ao mesmo tempo em que o uso das tecnologias deve estar presente em sala

de aula, encontramos profissionais não capacitados para fazer uso adequado das mesmas, e por este motivo, o computador ou qualquer outro recurso tecnológico presente neste processo, passa a ser apenas mais uma ferramenta mal utilizada, devido a falta de conhecimento do professor.

Seguindo esta lógica de pensamento, Kenski (1998, p. 61), nos esclarece que:

Favoráveis ou não, é chegado o momento em que nós, profissionais da educação, que temos o conhecimento e a informação como nossas matérias-primas, enfrentarmos os desafios oriundos das novas tecnologias. Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical ao ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significam criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens, de seus riscos e possibilidades, para transformá-los em ferramentas e parceiros em alguns momentos e dispensá-los em outros instantes.

Fica evidenciado que no atual contexto, tanto no âmbito social quanto educacional, já não é mais possível pensar a formação de professoras sem que estejam presentes as tecnologias digitais a favor do ensino e da aprendizagem, uma vez que nossos alunos fazem parte de uma geração que já nasceu conectada à internet. Deste modo, é importante que se reveja o papel do professor no contexto escolar, bem como sua formação e sua prática pedagógica para que este perceba a necessidade de se desenvolver e melhorar sua prática, transformando-se em agente de mudança.

Lévy (1999, p.08) assim se posiciona a respeito disso:

Não se trata aqui de utilizar qualquer custo as tecnologias, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que está questionando profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educativos tradicionais e, notadamente, os papéis de professor e aluno.

Vivenciamos um período histórico em que a educação e o aprendizado continuado tem se tornado essencial, uma vez que o conhecimento é um diferencial na sociedade em constante mudança. O fato é que estamos diante de mudanças consideráveis, os tempos modificaram-se, sujeitos e sociedade precisam resolver tudo imediatamente, as estratégias utilizadas para a comunicação também se alteraram e o professor tem a sua disposição algumas políticas públicas que nem sempre são suficientes para garantir práticas reflexivas e críticas nas salas de aula pautadas no uso das tecnologias digitais na educação:

Esse cenário permite com que visibilizemos um conjunto de estratégias políticas que, desde a emergência de uma escola criativa, produza sujeitos economicamente úteis. Isso desencadearia, por um lado, a formação de sujeitos inovadores e empreendedores, por outro lado, promoveria uma intensa gestão performativa da docência (SILVA, 2012, p. 30).

Não se está com isso, afirmando que é hora de deixar toda uma construção histórica de conhecimento para traz e nos pautarmos apenas no uso indiscriminado das tecnologias digitais nas escolas, tampouco, está-se dizendo que o professor deve se tornar um refém do uso das tecnologias a fim de desencadear índices de aprendizagem favoráveis à sua escola, ou seja, não se está propagando uma escola performativa. Compreendemos que a performatividade “é uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação. [...] Performances - de sujeitos individuais ou organizações - servem como medidas de produtividade ou resultados, como formas de apresentação da qualidade ou momentos de promoção ou inspeção” (BALL, 2010). Longe de concebermos dessa forma, o que queremos dizer é que, faz-se necessário um novo olhar para a escola com o objetivo de identificar que papel a escola precisa assumir diante das tecnologias digitais para que realmente os processos de ensino e de aprendizagem ocorram, de modo que os sujeitos consigam se articular ativamente na dinâmica da sociedade atual, ou seja, que possam contribuir nas transformações necessárias às suas próprias necessidades.

E ainda, se levarmos em consideração que para muitos alunos a escola é o único espaço que possui para ter acesso às tecnologias digitais, mais relevante ainda é o papel do professor em oportunizar a vivência dessa nova forma de comunicação e produção de conhecimento.

A formação de professores, nesse contexto, se constitui num mecanismo para a superação dos desafios educacionais contemporâneos. Deste modo, políticas públicas de formação de professores são fundamentais. Neste contexto, o papel do professor, certamente, terá que passar por uma ressignificação, tendo como centralidade o desenvolvimento cognitivo e cultural do aluno. Isso somente será possível à medida que o professor buscar capacitação visando a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem, modificando sua prática pedagógica com a integração do uso das novas tecnologias digitais ao currículo.

Embora as políticas públicas educacionais de uso das tecnologias digitais estejam em franca implementação e ascensão é possível constatar que os professores ainda têm dificuldades em utilizá-las, apesar da formação inicial e continuada que são proporcionadas tanto pelos órgãos governamentais, quanto pelas mais diversas instituições que desenvolvem trabalhos tendo como base o uso das tecnologias digitais em sala de aula.

A utilização das tecnologias digitais incorporadas à educação como proposta metodológica no dia a dia da escola necessita estar comprometida com o avanço do ensino e da aprendizagem. Essa é uma realidade que tem sido recorrente nas escolas, uma vez que, as

novas demandas educacionais têm exigido o posicionamento dos professores à respeito das utilização das tecnologias digitais em suas ações pedagógicas. Essa discussão será foco da seção a seguir.

A escola, o professor e as tecnologias digitais diante das novas demandas educacionais

O uso das tecnologias digitais na escola não é um modismo, ao contrário é uma necessidade eminente da sociedade contemporânea. Podemos considerar o uso das tecnologias digitais, como um fenômeno mundial. Deste modo, estamos todos envolvidos direta ou indiretamente nessa dinâmica que transforma tanto as atividades sociais, econômicas, quanto as escolares.

De acordo com Araújo (2005, p.23-24):

O valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente da sua aplicação. Saber direcionar o uso da Internet na sala de aula deve ser uma atividade de responsabilidade, pois exige que o professor preze, dentro da perspectiva progressista, a construção do conhecimento, de modo a contemplar o desenvolvimento de habilidade cognitivas que instigam o aluno a refletir e compreender, conforme acessam, armazenam, manipulam e analisam as informações que sondam na Internet.

As tecnologias digitais estão cada vez mais presentes na sala de aula, este fato tem exigido tanto dos professores quanto dos alunos uma nova relação com o saber e com a aprendizagem. Isso tem solicitado dos professores uma atenção para as atuais demandas trazidas pelos alunos, refletindo constantemente sobre a sua ação pedagógica, tendo as tecnologias digitais como uma das possibilidades para o desencadeamento dos processos educativos.

É importante considerar, ainda, que as tecnologias digitais em si, não constituem-se numa revolução metodológica nos processos educativos, mas, certamente apresentam-se como possibilidades de contribuição para novas configurações e reconfigurações dos processos de ensino e de aprendizagem. Isso, somente será possível se os professores se apropriarem das tecnologias digitais a fim de compreendê-las de acordo com a sua natureza específica, no campo das possibilidades pedagógicas.

Corroborando com essas premissas, Mercado (1999, p.27) afirma:

As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, a diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

No atual contexto educacional, entende-se que já não é mais possível pensar a formação docente sem que a utilização das tecnologias digitais a favor do ensino e da aprendizagem seja debatida, uma vez que os alunos fazem parte de uma geração que já nasceu conectada a internet. Diante disso, evidenciamos que a formação inicial e continuada de professores é de fundamental importância para que este possa acompanhar as mudanças que estão ocorrendo na sociedade de modo geral, evitando que a escola não se torne obsoleta:

Diante desse contexto de transformação e de novas exigências em relação ao aprender, as mudanças prementes não dizem respeito à adoção de métodos diversificados, mas sim à atitude diante do conhecimento e da aprendizagem, bem como a uma nova concepção de homem, de mundo e de sociedade. Isso significa que o professor terá papéis diferentes a desempenhar, o que torna necessários novos modos de formação que possam prepará-lo para o uso pedagógico do computador, assim como para refletir sobre a sua prática e durante a sua prática [...] (ALMEIDA, 2000, p.11).

Dito isso, constata-se que as tecnologias digitais possuem um papel relevante, no campo educacional, e que a formação de professores para o uso das novas tecnologias precisa ser efetivada de fato, uma vez que são os professores os atores principais na disseminação do conhecimento. Para tanto, faz-se necessário discutir a utilização das tecnologias e estabelecer objetivos para a sua aplicação. Faz-se necessário, também, desenvolver processos de formação que contribuam efetivamente na apropriação do conhecimento e da autonomia por parte dos professores.

Considerações Finais

As mudanças decorrentes da utilização das tecnologias digitais nas atividades humanas incidem no contexto social e cultural das pessoas e conseqüentemente no ambiente escolar. Deste modo, os profissionais da educação precisam aprender a utilizar os recursos tecnológicos em todo o seu potencial de flexibilidade, colaboração, apropriação e produção de conhecimento. Uma vez que, as tecnologias digitais têm permitido novas e rápidas possibilidades de acesso ao conhecimento, abrindo possibilidades de relações interativas e comunicativas, estreitando o contato entre as pessoas independente do local que estejam.

O fato é que as tecnologias digitais chegaram à escola e o desafio posto por elas é enorme, principalmente para os professores que necessitam de formação para conhecer melhor as características dessa cultura, que tem adentrado os espaços educativos e que muitas vezes ficam em desuso por falta de conhecimento necessário para o uso eficaz dos recursos tecnológicos disponíveis no contexto educativo. Para, além disso, é notório que as tecnologias digitais nos fornecem diversos subsídios tanto na vida cotidiana quanto no ambiente escolar e social. Elas aprimoram os nossos sentidos, criam possibilidades de interação com maior facilidade, estreitam relações, ou seja, permite-nos desenvolver uma infinidade de atividades que nossos antepassados nem ousaram em sonhar.

Deste modo, se as tecnologias digitais nas escolas forem direcionadas para fins pedagógicos que contribuam com o desenvolvimento intelectual e cultural dos alunos, estarão contribuindo impreterivelmente numa nova forma de concepção de currículo, de organização escolar, de tempo e espaço, redimensionando o olhar de todos os envolvidos no processo educativo. Cabe ressaltar que o essencial não é a tecnologia em si, mas sim a necessidade de reconfigurar, de ampliar e criar novas práticas pedagógicas que potencializem a interação entre os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem.

Por fim, podemos dizer que não há mais como evitar as transformações que vem ocorrendo por meio das tecnologias e as necessidades desencadeadas por essas transformações, não cabe mais a resistência, o receio do novo e o medo de ousar, que se apresentam como impedimento a primeira vista, a hora é de inovar, de buscar novas alternativas, de aprimorar, de conhecer e fazer uso a nosso favor de tudo o que as tecnologias digitais têm a nos oferecer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Informática e formação de professores**. ProInfo. v. 2. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.

ARAÚJO, Rosana Sarita de. Contribuições da Metodologia WebQuest no Processo de letramento dos alunos nas séries iniciais no Ensino Fundamental. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.). **Vivências com Aprendizagem na Internet**. Maceió: Edufal, 2005.

BALL, Stephen. Performatividade e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação e Realidade**. v 35, n. 2, 2010, p. 37-55.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP 1**, de 18 de fevereiro de 2002. Institui diretrizes curriculares

nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF, 18 fev. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf>>. Acesso: 30 jul. 2014.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.

_____. **A boniteza de um sonho: aprender e ensinar com sentido**. Abceducatio, Ano III, n. 17, p. 30-32, 2002.

GIROUX, Henry. **Os Professores com Intelectuais Transformadores**. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. n.08, p. 58 -71 mai/ago. 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOPES, Alice Casimiro. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a submissão ao mundo produtivo: o caso do conceito de contextualização. **Educação & Sociedade**, Campinas, 23, n. 80, 2002. p. 386-400.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

NÓVOA, Antonio. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 2002.

OLIVEIRA NETTO, Alvim A. **Novas tecnologias & universidade: da didática tradicionalista à inteligência artificial: desafios e armadilhas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SILVA, Roberto Rafael Dias da Silva, Rodrigo Manoel Dias da. Educação e cultura nas políticas de escolarização contemporâneas: um diagnóstico crítico. In: ROSA, Geraldo; PAIM, Marilene (Orgs.). **Educação básica e práticas pedagógicas**: Mercado de Letras, 2012.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Fernando José de. Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, Florianópolis, v. 1, 1997.